

Barco Leme, Ana Carolina; Tucunduva Philippi, Sonia; Toassa, Erika Christiane  
O que os adolescentes preferem: os alimentos da escola ou os alimentos competitivos?

Saúde e Sociedade, vol. 22, núm. 2, abril-junio, 2013, pp. 456-467

Universidade de São Paulo

São Paulo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=406263659016>

# O que os adolescentes preferem: os alimentos da escola ou os alimentos competitivos?

What do the adolescents prefer: food from school or competitive foods?

## Ana Carolina Barco Leme

Nutricionista. Mestre e Doutoranda em Nutrição em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Endereço: Av. Dr. Arnaldo, 715, Cerqueira Cesar, CEP 01246-904, São Paulo, Brasil.  
E-mail: acarol.lem@gmail.com

## Sonia Tucunduva Philippi

Nutricionista. Doutora em Saúde Pública. Professora Associada da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Endereço: Av. Dr. Arnaldo, 715, Cerqueira Cesar, 01246-904, São Paulo, Brasil.  
E-mail: philippi@usp.br

## Erika Christiane Toassa

Nutricionista. Mestre em Nutrição Humana Aplicada. Doutoranda em Nutrição em Saúde Pública pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo.  
Endereço: Av. Dr. Arnaldo, 715, Cerqueira Cesar, CEP 01246-904, São Paulo, Brasil.  
E-mail: erikatoassa@usp.br

## Resumo

**Objetivo:** identificar e justificar as escolhas alimentares dos adolescentes durante o intervalo de aula e conhecer a visão dos funcionários acerca da aceitação dos alunos em relação à Alimentação Escolar. **Materiais e Métodos:** Trata-se de um estudo transversal realizado em uma escola pública do município de São Paulo. Foram selecionados 83 adolescentes para identificar as escolhas alimentares durante o intervalo de aula, amparando-se na Teoria das Representações Sociais. Com o intuito de complementar a pesquisa, 12 funcionários participaram de uma entrevista visando conhecer a visão deles em relação à aceitação e a adesão dos alunos à Alimentação Escolar. Para ambas as populações estudadas, foram elaboradas questões discursivas. A análise dos dados foi realizada pelo método do Discurso do Sujeito Coletivo, identificando as figuras metodológicas - expressões-chave e ideias centrais - para a construção do discurso. **Resultados:** Os resultados demonstraram que, apesar da baixa aceitação da Alimentação Escolar, os alunos a consomem por ser a única alternativa para se alimentar no ambiente educacional. Também é comum a compra de alimentos em estabelecimentos próximos à escola ou trazidos de casa para complementar a Alimentação Escolar ou como a única fonte alimentar no período de aula. Na visão dos funcionários, os alunos gostam da Alimentação Escolar, com exceção de alguns alimentos que não fazem parte dos hábitos alimentares ou cujas características organolépticas não os atraem. **Conclusão:** Sugerem-se modificações nas refeições para que seu consumo seja estimulado.

**Palavras-chave:** Adolescente; Preferências Alimentares; Alimentação Escolar.

## Abstract

**Objective:** To identify and justify adolescents' food choices during recess at school and to get to know school staff vision about the students' acceptance of the Brazilian School Meal Program. **Material and Methods:** It's a cross-sectional study in a public school in São Paulo, based on the Theory of the Social Representations. Eighty-three adolescents were selected and asked to identify their food choices during recess at school. Complementary to this survey, twelve school staff members answered an interview aimed at identifying their own view on the students' acceptance of the Brazilian School Meal. Data analysis was done using the Discourse of Collective Subject technique, identifying the methodological figures - key-expressions and central ideas - for the construction of their discourse. **Results:** Although the adolescents don't like the meals offered by the program, they adhere to it since it is the only alternative they have at school. Nevertheless, it is common for them to buy food in establishments nearby or to bring it from home as a complement or a substitute for the school meal. In the school staff's vision the adolescents like the school meal. However, they considered that some of the foods are not part of the adolescents' eating habits or do not attract them due to their organoleptic characteristics. **Conclusion:** The research suggests modifications in the meals to increase the ingestion of the school meal.

**Keywords:** Adolescent; Food preferences; School feeding.

## Introdução

Uma alimentação saudável contribui para o adequado crescimento e desenvolvimento, bem como para reduzir os riscos de doenças relacionadas à má nutrição. A exposição a hábitos alimentares saudáveis na adolescência pode ser consolidada durante a vida adulta. Dessa forma, uma alimentação equilibrada durante esse período de vida é importante na prevenção de diversos problemas de saúde (ADA, 2008).

Os adolescentes brasileiros permanecem em média 5 a 6 horas por dia na escola e realizam entre 1 e 2 refeições junto aos amigos e colegas, fato que influencia as escolhas alimentares desse grupo populacional, estabelecendo padrões socialmente aceitos e provocando um forte impacto em sua dieta. Aproximadamente 1/3 da necessidade energética diária é obtido mediante a compra em lanchonetes/cantinas, lanches trazidos de casa ou oferecidos gratuitamente pelo programa de Alimentação Escolar (19 a 50% do total diário das calorias e 40% da recomendação da ingestão de gorduras) (Abreu e col., 2004; Schmitz e col., 2008).

Os alimentos e as bebidas consumidos nas escolas são classificados em duas principais categorias: 1) programas de alimentação escolar, em que refeições são oferecidas gratuitamente (almoço e/ou lanches intermediários); 2) alimentos e bebidas que não constam do programa. Estes são geralmente produtos *à la carte* disponíveis nas cantinas escolares, estabelecimentos alimentícios próximos às escolas, máquinas de alimentos (refrigerantes, salgadinhos, balas e chocolates, ou seja, "guloseimas") ou trazidos de casa. Esta categoria é denominada de alimentos "competitivos", porque competem com a alimentação escolar (Story e col., 2009).

No Brasil, há mais de 50 anos vigora o "Programa Nacional de Alimentação Escolar" (PNAE) que prevê a transferência de recursos financeiros às escolas públicas, destinados à aquisição de gêneros alimentícios para o oferecimento da alimentação escolar aos alunos matriculados na educação infantil (creches e pré-escolas), ensino fundamental, médio e educação de jovens e adultos das escolas da rede pública que constam no censo escolar realizado pelo Ministério da Educação (MEC) (FNDE, 2009).

O PNAE é uma política governamental que tem a finalidade de fornecer alimentação escolar para

suprir no mínimo 15% das necessidades nutricionais dos alunos durante a permanência na escola. O programa objetiva ainda contribuir para a formação de bons hábitos alimentares e para o aumento da capacidade de aprendizagem (FNDE, 2009).

A visão sobre a alimentação escolar para a maioria das pessoas, incluindo os professores, gestores e merendeiras tem como ponto de partida a concepção de que os alunos que frequentam as escolas sejam carentes, famintos e necessitados. Portanto, acreditam que a alimentação oferecida gratuitamente por ações governamentais seja a única alimentação diária que os alunos têm e o motivo principal para garantir a frequência do aluno nas aulas (Costa e col., 2002; Muniz e Carvalho, 2007; Bezerra, 2009).

O Programa Nacional de Merenda Escolar iniciado em 1954 e hoje denominado Programa Nacional de Alimentação Escolar tinha como objetivo principal reduzir a deficiência nutricional dos estudantes carentes do Brasil (Belik e Chaim, 2009). Nesse contexto seus objetivos faziam sentido. Entretanto, nos dias atuais, a variedade de alimentos presentes no ambiente escolar, ou seja, a existência dos alimentos “competitivos” faz com que os estudantes tenham mais opções para escolher os alimentos agregando a preferência e o baixo custo (Story e col., 2009).

A presença desses alimentos no ambiente escolar tem repercutido na saúde dos indivíduos devido ao elevado teor de gorduras, açúcares e sódio, sendo reduzidos em fibras, grãos integrais, frutas, legumes e verduras. Portanto, a dieta dos adolescentes é, geralmente, representada por salgadinhos empacotados, salgadinhos fritos e/ou assados com elevado teor de gorduras, refrigerantes, sucos artificiais, balas, chicletes, pirulitos e doces em geral, cada vez mais associados ao ganho de peso e à obesidade (Rosenheck, 2008; Briefel e col., 2009).

A alimentação escolar deve ser promissora na elaboração de estratégias que conduzam a melhores hábitos alimentares para o combate do ganho de peso e, consequentemente das doenças relacionadas. A escola é um ambiente fundamental na formação dos hábitos de vida do estudante e, mais do que representar um dos períodos para alimentação, também é responsável por uma parcela importante do conteúdo educativo global, inclusive do ponto de vista nutricional (Schmitz e col., 2008; Briefel e col.,

2009; Ochsenhofer e col., 2006).

Pelo exposto, surgiu o interesse em estudar as escolhas alimentares dos adolescentes durante os intervalos de aula, quer alimentos adquiridos em estabelecimentos, trazidos de casa quer oferecidos gratuitamente pelo Programa Nacional de Alimentação Escolar. Além disso, para complementar o estudo, optou-se por procurar conhecer a visão dos funcionários sobre a aceitação dos alunos relativa à alimentação oferecida pelo PNAE, bem como as sugestões apresentadas para possíveis mudanças no programa.

Os objetivos foram, portanto, identificar e justificar as escolhas alimentares dos adolescentes durante o intervalo de aula e conhecer a visão dos funcionários acerca da aceitação dos alunos em relação ao PNAE, identificando possíveis sugestões para mudanças na alimentação escolar, ambas amparadas na Teoria das Representações Sociais.

## Métodos

Este estudo apresentou delineamento transversal de natureza qualquantitativa com coleta de dados primários. O estudo foi desenvolvido em uma instituição de ensino público localizada na zona oeste, bairro do Butantã, no município de São Paulo.

Inicialmente foram estudados 83 adolescentes de ambos os gêneros, matriculados do 5º ao 8º ano do Ensino Fundamental II, com o intuito de identificar as escolhas alimentares durante o intervalo de aula, justificando-as, amparando-se na Teoria das Representações Sociais. Complementando esse estudo, 12 funcionários ligados à alimentação escolar participaram voluntariamente de uma entrevista, cujo objetivo foi esclarecer sua visão relativa à aceitação dos alunos do Ensino Fundamental II sobre a alimentação oferecida gratuitamente nas escolas (Programa Nacional de Alimentação Escolar - PNAE), e identificar a necessidade de possíveis mudanças na alimentação escolar.

Os funcionários que participaram do estudo eram de ambos os gêneros e ocupavam os seguintes cargos: diretor, assistentes de diretor, professores, inspetores de alunos e merendeiras. A tabela 1 apresenta a distribuição em número e porcentagem dos funcionários segundo o gênero e cargo ocupado na escola.

**Tabela 1 - Distribuição em número e percentual dos funcionários segundo gênero e cargo. Butantã, São Paulo, Brasil, 2009**

Cargo	Masculino		Feminino	
	n	%	N	%
Assistente do diretor	-	-	1	8,3
Diretor	1	8,3	-	-
Inspector de alunos	2	16,7	2	16,7
Merendeiras	-	-	4	33,3
Professores	-	-	2	16,7
<b>TOTAL</b>	<b>3</b>	<b>25</b>	<b>9</b>	<b>75</b>

A escola foi selecionada devido ao contato e participação prévia dos pesquisadores em um projeto multiprofissional e disciplinar ligado à Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, cujo objetivo era melhorar a qualidade de vida da população por meio do protagonismo social, ou seja, da multiplicação da informação e do conhecimento sobre saúde, além de desenvolver a cidadania dos universitários e dos adolescentes participantes do projeto (Toassa e col., 2010).

Os dados foram coletados em setembro de 2009, por meio da técnica da entrevista semiestruturada, combinando questões fechadas e abertas. As questões fechadas eram referentes às características sociais dos alunos e funcionários, ao gênero, às idades, às séries e aos cargos ocupados. As respostas às questões abertas constituíram-se de relatos pessoais (Harris e col., 2009). Os adolescentes preencheram um questionário em que constava a seguinte questão aberta: “Durante os intervalos de aula, você costuma comer e/ou beber alguma coisa? Sim ou não e por quê?”. O questionário foi respondido em um local tranquilo durante as aulas de Educação Física, horário autorizado pela direção da escola, e os alunos foram dispostos confortavelmente. As respostas foram copiadas em um banco de dados no programa *Microsoft Excel* (versão 2007).

Para os funcionários, foi elaborado um roteiro de entrevistas com duas perguntas discursivas, a saber: 1) Qual é a sua percepção em relação à opinião dos alunos sobre a alimentação escolar? e 2) Na sua opinião alguma coisa deveria ser mudada na alimentação oferecida pelo programa de alimentação

escolar aos alunos? Por quê? Essas duas perguntas foram gravadas e posteriormente transcritas em um banco de dados no programa *Microsoft Excel* (versão 2007). A duração de cada entrevista variou entre 5 e 15 minutos, e foi realizada em locais e horários tranquilos. As entrevistas foram aplicadas por entrevistadores previamente treinados, gravadas e posteriormente transcritas para a análise.

Para a análise do questionário e da entrevista, utilizou-se a metodologia qualitativa do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), proposta por Lefèvre e Lefèvre (2003) e os dados foram organizados no programa *Microsoft Excel* (versão 2007). O DSC é baseado na Teoria das Representações Sociais (Jodelet, 1989), elencando e articulando uma série de operações sobre a matéria-prima de depoimentos coletados em pesquisas empíricas de opinião por meio de questões abertas. Tais operações redundam, ao final do processo, em depoimentos coletivos confeccionados com extratos de diferentes depoimentos individuais, sendo que cada um desses depoimentos coletivos veicula uma determinada e distinta opinião ou posicionamento. Esses depoimentos são redigidos na primeira pessoa do singular, produzindo no receptor o efeito da opinião coletiva, expressando-se diretamente como fato empírico, pela boca de um único sujeito de discurso (Lefèvre e Lefèvre, 2006). Em suma, é como se fosse um único indivíduo representando determinada coletividade por meio de sua opinião.

Inicialmente, as respostas de cada sujeito foram analisadas isoladamente, e a partir de então identificadas as figuras metodológicas - *expressões-chave* (ECH) e *ideias-centrais* (IC). As ECH foram as primeiras a serem identificadas, correspondendo aos pedaços ou trechos mais significativos do conteúdo discursivo: são as cópias literais desses trechos. A partir de então foram identificadas as IC, descrevendo sintética e precisamente todo o sentido presente nos depoimentos por meio de nomes e/ou expressões linguísticas. Diferentemente das *expressões-chave*, as *ideias centrais* podem não corresponder ao mesmo número de sujeitos da pesquisa, pois um mesmo indivíduo pode apresentar mais de uma ideia em uma fala. Portanto, todas elas devem ser consideradas separadamente e trabalhadas no processo de categorização. Após a identificação das IC, elas

foram agrupadas em categorias de mesmo sentido, equivalente e/ou complementar, com letras: A, B, C [...]. Em seguida, as letras das categorias das IC geraram a construção do Discurso do Sujeito Coletivo.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. A direção da escola aprovou e autorizou a coleta de dados para realização do estudo. Os alunos trouxeram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) devidamente assinado pelos pais e/ou responsáveis. Esse termo explica brevemente os objetivos do estudo e a não exposição de riscos à saúde do adolescente.

## Resultados

Participaram do estudo em questão 52 (62,65%) adolescentes do gênero feminino e 31 (37,35%) do gênero masculino. A idade média dos participantes variou entre 11 e 16 anos, com média de 13,29 anos (dp 1,27).

Em relação ao turno das aulas, os alunos matriculados no 5º e 6º ano estudavam no período da manhã, e os matriculados no 7º e 8º ano no período da tarde, correspondendo respectivamente a 44,58% e 55,42%.

Para analisar as escolhas alimentares dos adolescentes durante o intervalo de aula, foi levado em consideração o período de estudo, porque a Alimentação Escolar oferecida tem diferentes composições nos períodos matutino e vespertino, sendo respectivamente um almoço (arroz, feijão, carne e salada) ou lanche (pães, biscoitos, iogurtes, etc.).

Para o Discurso do Sujeito Coletivo gerado pelos adolescentes do período matutino, isto é, 5ª e 6ª séries, foram extraídas das respostas dos jovens 37 expressões-chave que foram agrupadas em quatro ideias centrais, a saber: IC-A: Alimentação escolar (40,5%); IC-B: Nada (40,5%); IC-C: Guloseimas (13,5%); e IC-D: Frutas (5,4%). A seguir serão apresentados os DSCs relacionados às ideias centrais identificadas.

### Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

#### IC-A: Alimentação escolar

"Bem, durante o intervalo eu como arroz, feijão, carne ou peixe, salada de alface e suco de laranja, ou seja, a merenda, porque é o que a escola oferece para me alimentar. Caso contrário fico com fome até chegar em casa. É isso o que estou acostumado a comer e a merenda é muito boa".

Sujeitos: n = 15.

#### IC-B: Nada

"Não costumo comer no intervalo, porque não gosto da comida da escola, ela é um horror, e já estou bem alimentada. Prefiro comer em casa. Tomo bastante água no intervalo para manter-me hidratado. A escola quase não oferece suco".

Sujeitos: n = 15.

#### IC-C: Guloseimas

"Costumo comer balas, pirulitos, salgadinhos e biscoitos e bebo suco e água, porque eu gosto".

Sujeitos: n = 5.

#### IC-D: Frutas

"Gosto de comer maçã e mexerica, porque são saudáveis".

Sujeitos: n = 2.

Para o Discurso do Sujeito Coletivo gerado pelos adolescentes do período vespertino, isto é, 7<sup>a</sup> e 8<sup>a</sup> séries foram extraídas 52 expressões-chaves que foram também agrupadas em 4 ideias centrais, a saber:

IC-A: Lanche da escola (38,5%); IC-B: Nada (23,1%); IC-C: Depende do lanche da escola (19,2%); e IC-D: Guloseimas (19,2%). A seguir serão apresentados os DSCs relacionados às ideias centrais observadas.

#### Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

##### IC-A: Lanche da escola

"Bem, eu sempre como o lanche da escola. Não é muito saudável, mas às vezes é uma alimentação rica. É o que a escola nos oferece. Não trago lanche de casa, nada de diferente para comer. Eu não tenho preferência. Às vezes tem bolo, pão, pão com salsicha, bolacha, Danone® e/ou suco. Como o pão na maioria das vezes. Costumo beber o suco, porque é suave e tem muito ferro. Além disso, costumo comer balas, pirulitos, chicletes e tomo refrigerantes, porque eu sinto fome e gosto"

Sujeito: n = 20.

##### IC-B: Nada

"Não me alimento na escola durante o intervalo, porque o lanche que a escola oferece é sempre igual: pães. Então antes de vir eu consumo um almoço reforçado e ao chegar em casa tomo lanche. Portanto, não tenho fome. De vez em quando trago maçã, porque não gosto muito de comer na escola por causa da gripe suína".

Sujeito: n = 12.

##### IC-C: Depende do lanche da escola

"Às vezes como o lanche que a escola dá, porque não há cantina para comprar coisas diferentes. Como pão com requeijão ou queijo e bebo leite, mas não gosto das outras coisas que oferecem na escola. O pão é ótimo, mas é oferecido apenas na 6<sup>a</sup> feira. Não tomo lanche quando como antes de vir para a escola (arroz, feijão, macarrão, etc.).

Às vezes trago de casa, pão integral, queijo, Danone®, granola e frutas. Gosto de tomar sucos – acho que deveria haver mais na escola, por isso costumo beber muita água. A alimentação da escola deveria mudar um pouco. Não costumo comê-la, mas se tivesse mais suco seria melhor".

Sujeito: n = 10.

##### IC-D: Guloseimas

"Se levo dinheiro eu vou logo comprar um pacote de biscoitos ou salgadinhos, chicletes, balas e pirulitos e doces e costumo tomar sucos e refrigerantes (Dolly®), porque gosto e tenho fome. Eu quase nunca tomo o lanche que a escola oferece, porque eu não gosto".

Sujeitos: n = 10.

Na pesquisa complementar sobre a visão dos funcionários referente à aceitação do alimento escolar, foram extraídas 12 ECH e agrupadas em 2 IC, a saber: IC-A: Gosta da alimentação escolar (63,4%)

e IC-B: Não gosta da alimentação escolar (33,3%). A seguir serão apresentados os DSCs relacionados às ideias centrais observadas.

#### Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

##### IC-A: Gosta da alimentação escolar

"Eu acho que eles gostam da merenda escolar, porque eles comem bastante, muitas vezes repetindo o prato. A comida da escola é muito boa, é do paladar deles, muito melhor do que a da casa deles. Muitos não têm o que comer em casa, por isso não realizam as refeições principais, por exemplo, o café da manhã e assim optando pela alimentação escolar. Eu acredito que as refeições nas casas deles não sigam os critérios para uma alimentação adequada, sem o hábito e presença de frutas. A escola tem o papel de contribuir para uma boa alimentação por meio da oferta de alimentos saudáveis e nutritivos, promovendo bons hábitos alimentares. Eu acho muito importante estar alerta sobre a qualidade da merenda, para incentivá-los a ter uma alimentação saudável. Como exemplo, muitos dos alunos não tinham o hábito de comer granola, que é gostosa e equilibrada, e isso virou hábito para muitos dos adolescentes".

##### IC-B: Não gosta da alimentação escolar

"Como toda criança e adolescente, eles não gostam de frutas, verduras e legumes. Quando são servidos estes alimentos na merenda eles jogam no lixo. Tento convencê-los de que as frutas, verduras e legumes são importantes, mas não adianta. Há alunos atrevidos e mimados, porque respondem que não querem comer e muitas vezes ficam 10 minutos na fila para não comer e depois jogar fora. Eu tenho filhos e ensino a eles que devem comer de tudo, independentemente de querer ou não. Além das frutas, verduras e legumes, eles não gostam da bisnaguinha com queijo, pão integral, bebida láctea de frutas e peixe. Acho que é porque eles não têm o hábito de comer em casa. Eles são mimados e só comem o que as mães oferecem".

No que diz respeito à ocorrência de possíveis modificações na alimentação escolar, foram extraídas 12 ECH e 3 IC, a saber: IC-A: Sim (54,6%),

IC-B: Não (36,4%) e IC-C: Não sabe (9,1%). A seguir serão apresentados os DSCs relacionados às IC observadas.

#### Discurso do Sujeito Coletivo (DSC)

##### IC-A: Sim

"Sim, porque há muitos alimentos de que eles não gostam e que devem ser tirados do cardápio, como por exemplo, peixe, salada de repolho e vagem, pão com queijo, Quick® de morango e bebida láctea. No dia em que são servidos esses alimentos, muitos alunos sentem o cheiro lá de cima das salas de aulas e nem descem para o refeitório, ou quando descem eles jogam no lixo ou fazem guerra com esses alimentos. Há escolas que apresentam um bom canal para administrar a alimentação escolar, e assim verificar os alimentos mais bem aceitos pelos alunos por meio de uma pesquisa, porém nesta escola isso ainda não é realidade. Eu sugiro que devem ser trocados alguns alimentos, como por exemplo, o pão de 'hot-dog' pelo francês. Nos dias mais frios, deveria haver alimentos mais quentes, por exemplo, chocolate quente ao invés de sucos, e nos dias quentes, alimentos frios, por exemplo, sucos devem ser oferecidos com maior frequência. Às 5<sup>as</sup> feiras a refeição tem mais saída, porque é oferecido macarrão. Deve ser por alguma razão nutricional, a grande quantidade de carboidratos. Além dos alimentos ofertados, deveria haver mais funcionários no setor em que são servidas as refeições, pois a escola é muito grande. É difícil para as merendeiras preparar o almoço para os alunos de período da manhã, lavar as louças e em seguida preparar o lanche para os alunos da tarde".

##### IC-B: Nada

"Eu acho que não deveria mudar nada, porque é uma alimentação equilibrada, suficiente e nutritiva com grande variedade de alimentos necessários ao desenvolvimento escolar".

##### IC-C: Não sabe

"Eu não sei, porque não tenho acesso à alimentação escolar, mas gostaria de saber como ela é. Sempre que eu os vejo comendo alimentos não saudáveis (salgadinhos, refrigerantes e pirulitos) oriento-os dizendo que não são bons para a saúde".

## Discussão

Os resultados deste estudo mostraram que a maioria dos adolescentes considera a alimentação escolar importante para a saúde, porém esta não é condição para consumi-la frequentemente durante a semana de aula. Os jovens referem escolher outros alimentos durante a permanência no intervalo de aula, ou seja, os alimentos que competem com a alimentação escolar. Existe uma amostra de evidências referente à dieta dos adolescentes brasileiros, apontando para escolhas alimentares inadequadas, assemelhando-se à população de jovens dos Estados Unidos e Europa (Haerens e col., 2007; Condon e col., 2009). Esses dados tornam-se particularmente relevantes e requerem maiores investigações, considerando que no Brasil o PNAE tem sido apontado como um programa assistencialista para muitos escolares, oferecendo alimentação de qualidade para repor as necessidades nutricionais do aluno durante a estadia na escola e reduzir a evasão escolar (Muniz e Carvalho, 2007; Flávio e col., 2008). Entretanto, é contraditória essa afirmação diante da crescente prevalência de excesso de peso entre os jovens devido a escolhas alimentares cada vez mais distantes do preconizado pelos guias alimentares (Popkin, 2001).

Leal e colaboradores (2010) observaram em estudo transversal realizado com 228 adolescentes de uma escola pública de Ilha Bela, litoral de São Paulo, que, ao se transformar a frequência obtida para cada grupo de alimentos em porções da Pirâmide Alimentar, inverteu-se a posição dos grupos. Devido ao baixo consumo de frutas, verduras e legumes, esses ficaram no ápice enquanto o grupo dos açúcares e doces ficaram na base da pirâmide devido ao seu elevado consumo.

A população estudada reflete a passagem do Ensino Fundamental I (1º ao 4º ano) para o Ensino Fundamental II (5º ao 8º ano). Essa fase é marcadada pelo início da adolescência, caracterizada por mudanças físicas, psicológicas e sociais que determinam as necessidades nutricionais, bem como os hábitos, comportamentos e escolhas alimentares, que frequentemente causam distúrbios na produção do balanço energético e estado nutricional. A obesidade e as anormalidades metabólicas (dislipidemias, hipertensão, resistência à insulina e intolerância à

glicose) constituem um dos mais graves problemas de saúde pública, avançando de forma dramática entre os adolescentes, que poderão permanecer nesse estado durante a vida adulta, correndo maior risco de desenvolver doenças cardiovasculares e metabólicas e de ter reduzidas a expectativa e a qualidade de vida (Rodríguez Moreno, 2006; Pegolo, 2005).

O consumo alimentar dos indivíduos, incluindo os adolescentes é determinado pelas escolhas feitas e constitui um processo complexo, envolvendo fatores socioculturais e psicológicos. As escolhas alimentares estão relacionadas a fatores do meio ambiente, história individual e personalidade refletidos em valores pessoais. O processo da escolha dos alimentos incorpora não só decisões, baseadas em reflexões conscientes, mas também em decisões automáticas, habituais e subconscientes (Estima e col., 2009).

Os fatores que determinam o consumo alimentar dos indivíduos, denominados determinantes das escolhas alimentares, apresentam-se divididos em categorias: biológicas, econômicas, oferta/disponibilidade dos alimentos e sociais. Os fatores determinantes da categoria biológica estão relacionados à fome, ao apetite e ao sabor e são considerados os fatores de maior importância nas escolhas alimentares (Estima e col., 2009; Neumark-Sztainer e col., 1999), conforme também observado no relato dos adolescentes do presente estudo “[...] biscoitos ou salgadinhos, chicletes, balas e pirulitos e doces e custumo tomar sucos e refrigerantes (Dolly®), porque eu gosto e tenho fome [...]” e “[...] Além disso, custumo comer balas, pirulitos, chicletes e tomo refrigerantes, porque eu sinto fome e gosto”.

Os adolescentes relataram a preferência pelo sabor e textura dos alimentos não oferecidos pelo programa de Alimentação Escolar, por meio da compra em estabelecimentos próximos à escola ou trazidos de casa, justificando essa prática ao apontar a inexistência de cantinas e/ou lanchonetes nos estabelecimentos de ensino (Muniz e Carvalho 2007) e pelos discursos a seguir: “[...] se levo dinheiro eu vou logo comprar um pacote de biscoitos ou salgadinhos, chicletes, balas e pirulitos e doces e custumo tomar sucos e refrigerantes (Dolly®) [...]” e “[...] não há cantina para comprar coisas diferentes [...]”.

O Programa Nacional de Alimentação Escolar – PNAE propõe a suplementação das necessidades nutricionais diárias dos alunos matriculados na rede pública, suprindo pelo menos 15% delas por meio da distribuição de refeições durante o intervalo de aula (FNDE, 2011). Entretanto, quando essa política entrou em vigor no Brasil, o perfil nutricional das crianças e adolescentes estava relacionado ao baixo peso corporal. A partir da década de 1990 observa-se a modificação nesse perfil, sendo o excesso de peso e a obesidade cada vez mais frequentes (IBGE, 2010).

Os discursos dos adolescentes demonstraram que Alimentação Escolar não é hoje a única possibilidade de alimentação dos alunos: “*Não me alimento na escola, no intervalo, porque o lanche que a escola dá é sempre igual: pães. Então antes de vir eu consumo um almoço reforçado e ao chegar em casa tomo lanche [...]*” e “*Não costumo comer no intervalo, porque não gosto da comida da escola, ela é um horror, e já estou bem alimentada. Prefiro comer em casa [...]*”. Os adolescentes consideram o horário da manhã impróprio para o consumo de alimentos como arroz, feijão e carnes, oferecidos gratuitamente pelo PNAE (Martins e col., 2004; Ochesenhofer e col., 2006). A Alimentação Escolar é vista como repetitiva, com gosto inadequado e descuidada em sua feitura e na distribuição. Ademais, o consumo de uma refeição à base de arroz e feijão servida durante o intervalo da manhã (entre 9h30 e 10h) afeta o ritmo do jovem em casa (Bezerra, 2009).

Apesar de os relatos mostrarem baixos aceite e adesão à Alimentação Escolar, é evidente que a maioria dos alunos dispõe da informação de que os alimentos oferecidos gratuitamente pelo PNAE são mais saudáveis, contribuindo para sua saúde: “*Bem, eu sempre como o lanche da escola [...] mas às vezes é uma alimentação rica [...]*” e “[...] É isso que estou acostumado a comer e a merenda é muito boa [...].” Porém esses relatos não corroboram com as escolhas alimentares feitas, sendo que as preferências por alimentos não nutritivos, o seu sabor e as influências do meio social (amigos) são os principais fatores determinantes para o consumo alimentar. Os adolescentes não revelam preocupação com as consequências futuras dos hábitos alimentares inadequados. Há uma valorização somente do momento atual. O impacto na saúde causado pelo

consumo alimentar inadequado parece ainda não ser fator decisivo no direcionamento das escolhas alimentares (Ochsenhofer e col., 2006).

O aceite e adesão à Alimentação Escolar pelos adolescentes é um dos principais fatores que determinam a qualidade dos serviços de alimentação das escolas. Por isso, as pesquisas de preferências alimentares são fundamentais para averiguar essa aceitação<sup>7</sup>, conforme representado pelo discurso dos funcionários: “[...] *Há escolas que apresentam um bom canal para administrar a alimentação escolar, e assim verificar os alimentos mais bem aceitos pelos alunos por meio de uma pesquisa, porém nesta escola isso ainda não é realidade*”.

O diálogo com os alunos, portanto, é importante para que os alimentos oferecidos não sejam vistos como algo imposto e para que o não oferecimento de alguns alimentos que fazem parte da alimentação do jovem, mas que não trazem benefícios à saúde, seja visto por eles como proibido (CONSEA, 2007).

Sob o ponto de vista dos funcionários da escola, a Alimentação Escolar tem como ponto de partida internalizar uma concepção sobre os alunos que frequentam o ambiente educacional de que eles sejam carentes, famintos e necessitados (Bezerra, 2009). Acreditam que Alimentação Escolar seja uma alimentação adequada e que a maioria dos alunos gosta dela, conforme demonstrado no discurso a seguir. “[...] *A comida da escola é muito boa, é do paladar deles, muito melhor do que a da casa deles. Muitos não têm o que comer em casa, por isso não realizam as refeições principais, por exemplo, o café da manhã e assim optando pela alimentação escolar. Eu acredito que as refeições nas casas deles não sigam os critérios para uma alimentação adequada, sem o hábito e presença de frutas [...]*”.

Outro aspecto mencionado pelos funcionários refere-se ao papel da comunidade escolar formada por pais, diretores, coordenadores, alunos, educadores, donos de cantina, merendeiras e demais funcionários, na construção de hábitos alimentares saudáveis. Nesse sentido, a escola deve ser a melhor janela de oportunidades para prevenir a má-nutrição por uma série de motivos, dentre eles a possibilidade de nesse ambiente ser viável o trabalho relativo a noções de educação alimentar e também pela possibilidade de o adolescente ser um agente de mudanças na família (Story e col.,

2009; Ochsenhofer e col., 2006). No presente estudo muitos dos funcionários relataram sua participação na tentativa de formarem “bons” hábitos alimentares.

*[...] A escola tem o papel de contribuir para uma boa alimentação por meio da oferta de alimentos saudáveis e nutritivos, contribuindo para a promoção de bons hábitos na alimentação. Eu acho muito importante estar alerta sobre a qualidade da merenda, para incentivá-los a ter uma alimentação saudável. Como exemplo, muitos dos alunos não tinham o hábito de comer granola, que é gostosa e equilibrada, e isso virou hábito para muitos dos adolescentes”.*

Apesar de a visão dos funcionários relativa ao aceite pelos estudantes da Alimentação Escolar ser favorável, alguns funcionários relataram a insatisfação dos alunos por alguns alimentos oferecidos gratuitamente pelo PNAE, referindo-se às características organolépticas (textura e sabor) que repercutem nas sensações de prazer e vontade pelo alimento oferecido. Ademais, há a presença de alimentos tipicamente não comuns às preferências alimentares do adolescente, como frutas, verduras e legumes. O relato dos funcionários relativo a não aceitação desses alimentos é de que os alunos os desperdiçam, jogando-os no lixo. “[...] Há alunos atrevidos e mimados, porque respondem que não querem comer e muitas vezes ficam 10 minutos na fila para não comer e depois jogar no lixo [...] além das frutas, verduras e legumes, eles não gostam da bisnaguinha com requeijão, pão integral, bebida láctea de frutas e peixe. Acho que é porque eles não têm o hábito de comer em casa. Eles são mimados e só comem o que as mães oferecem” e “[...] ou fazem guerra com esses alimentos”.

Segundo Bezerra (2009), as representações dos alunos sobre a Alimentação Escolar diferem significativamente das expressas pelos funcionários, refletindo as assimetrias existentes entre os dois grupos, com posições diferentes tanto no meio social quanto no interior da escola. A assimetria no espaço escolar é revestida do poder dos funcionários e gera a ausência de participação dos alunos e pais nas decisões sobre assuntos da escola. Além disso, as merendeiras, apesar de pertencerem ao meio social dos alunos, elaboram representações sobre a Alimentação Escolar aproximando-se mais dos funcionários, pois vivenciam há mais tempo o coti-

diano escolar, impregnando-se das representações circuladas e naturalizadas do aluno que vai à escola principalmente por causa da alimentação.

Neste sentido, sugere-se o desenvolvimento de atividades envolvendo educação nutricional nas escolas públicas. Entretanto, tais atividades devem envolver toda a comunidade escolar, com o intuito de fornecer uma alimentação de qualidade suprindo as necessidades nutricionais do aluno, prevenindo doenças e fatores de risco, melhorando a capacidade de aprendizado do aluno, sua qualidade de vida atual e adulta (Story e col., 2009; Muniz e Carvalho, 2007; Belik e Chaim, 2009).

## Conclusão

Com base nos resultados obtidos, os adolescentes preferem os alimentos “competitivos” vendidos nos estabelecimentos próximos à escola e/ou trazidos de casa. Embora o relato dos jovens tenha demonstrado que não gostam da Alimentação Escolar, muitos a consomem como sendo a única alternativa para se alimentar durante o intervalo de aula, devido à ausência de cantinas e/ou lanchonetes na escola. A visão dos funcionários é que os alunos gostam da alimentação oferecida pelo programa, mas existem alimentos que não os atraem e por isso eles desperdiçam esses alimentos. Os funcionários sugerem mudanças relativas à composição dos alimentos e características do seu sabor e textura. Além disso, deve ser encorajada a realização de pesquisas junto aos alunos sobre a aceitação e preferências dos alimentos. Nesse sentido, uma equipe de profissionais ligados à Alimentação Escolar, incluindo, principalmente, nutricionistas e merendeiras deve estar presente ao se elaborar os cardápios com preparações e alimentos saudáveis que estimulem o consumo da Alimentação Escolar e também contribuam ao desenvolvimento físico, psicológico e social e ao combate do excesso de peso nessa população.

## Referências

- ABREU, C. L. M. et al. Consumo alimentar de adolescentes em escola privada do município de Cotia, São Paulo. *Nutrição em Pauta*, São Paulo, v. 64, n. 1, p. 22-26, 2004.

- ADA - AMERICAN DIETETIC ASSOCIATION. Position of the American Dietetic Association: nutrition guidance for healthy children ages 2-11 years. *Journal of the American Dietetic Association*, Chicago, v. 108, n. 6, p. 1038-1047, 2008.
- BELIK, W.; CHAIM, N. A. O programa nacional de alimentação escolar e a gestão municipal: eficiência administrativa, controle social e desenvolvimento. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 22, n. 5, p. 595-607, 2009.
- BEZERRA, J. A. B. Alimentação e escola: significados e implicações curriculares da merenda escolar. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 40, p. 103-115, 2009.
- BRIEFEL, R. R. et al. School food environments and practices affect dietary behaviors of U.S. public school children. *Journal of the American Dietetic Association*, Chicago, v. 109, n. 2, p. 91-107, 2009. Supplement 1.
- CONDON, E. M.; CREPINSEK, M. K.; FOX, M. K. School meals: types of foods offered to and consumed by children at lunch and breakfast. *Journal of the American Dietetic Association*, Chicago, v. 109, n. 2, p. 67-78, 2009. Supplement 1.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR (CONSEA), 3., 2007, Fortaleza, CE: Anais... Brasília, DF: Conselho Nacional de Segurança Alimentar, 2007.
- COSTA, E. Q.; RIBEIRO, V. M. B.; RIBEIRO, E. C. O. Programa de alimentação escolar: espaço de aprendizagem e produção de conhecimento. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 14, n. 3, p. 225-229, 2002.
- ESTIMA, C. C. P.; PHILIPPI, S. T.; ALVARENGA, M. S. Fatores determinantes do consumo alimentar: por que os indivíduos comem o que comem? *Revista Brasileira de Nutrição Clínica*, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 263-268, 2009.
- FLÁVIO, E. F. et al. Avaliação da alimentação escolar oferecida aos alunos do ensino fundamental das escolas municipais de Lavras, MG. *Ciências e Agrotecnologia*, Lavras, v. 32, n. 6, p. 1879-1887, 2008.
- FNDE - FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. *Alimentação escolar*: apresentação. Brasília, DF, 2009. Disponível em: <<http://www.fnde.gov.br/index.php/programas-alimentacao-escolar>>. Acesso em: 12 ago. 2011.
- HAERENS, L. et al. The effects of a middle-school healthy eating intervention on adolescents' fat and fruit intake and soft drinks consumption. *Public Health Nutrition*, Cambridge, v. 10, n. 5, p. 443-449, 2007.
- HARRIS, J. E. et al. An introduction to qualitative research for food and nutrition professionals. *Journal of the American Dietetic Association*, Chicago, v. 109, n. 1, p. 80-90, 2009.
- IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Pesquisas de orçamentos familiares 2008-2009*: antropometria e estado nutricional de crianças, adolescentes e adultos no Brasil. Rio de Janeiro, 2010, v. 1, n. 1. (Pesquisa de Orçamentos Familiares).
- JODELET, D. Representations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (Org.). *Representations sociales*. Paris: PUF, 1989. p. 31-61.
- LEAL, G. V. S. et al. Consumo alimentar e padrão de refeições de adolescentes, São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Epidemiologia*, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 457-467, 2010.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. *O discurso do sujeito coletivo*: um novo enfoque em pesquisa qualitativa (desdobramentos). Caxias do Sul: Educs, 2003.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. O sujeito coletivo que fala. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, v. 10, n. 20, p. 517-524, 2006.
- MARTINS, R. C. B. et al. Aceitabilidade da alimentação escolar no ensino público fundamental. *Saúde em Revista*, Piracicaba, v. 6, n. 13, p. 71-78, 2004.
- MUNIZ, V. M.; CARVALHO, A. T. O programa nacional de alimentação escolar em município do Estado da Paraíba: um estudo sob o olhar dos beneficiários do programa. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 20, n. 3, p. 285-296, 2007.

- NEUMARK-SZTAINER, D. et al. Factors influencing food choices of adolescents: findings from focus-group discussions with adolescents. *Journal of the American Dietetic Association*, Chicago, v. 99, n. 8, p. 929-937, 1999.
- OCHSENHOFER, K. et al. O papel da escola na formação da escolha alimentar: merenda escolar ou cantina? *Nutrire: Revista da Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição*, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 1-16, 2006.
- PEGOLO, G. E. Obesidade infantil: sinal de alerta. *Nutrição em Pauta*, São Paulo, v. 13, n. 5, p. 4-10, 2005.
- POPKIN, B. M. The nutrition transition and obesity in the developing world. *Journal of Nutrition*, Bethesda, v. 131, n. 3, p. 871S-873S, 2001.
- RODRIGUEZ, G.; MORENO, L. A. Is dietary intake able to explain differences in body fatness in children and adolescents? *Nutrition Metabolism & Cardiovascular Disease*, Naples, v. 16, n. 4, p. 294-301, 2006.
- ROSENHECK, R. Fast food consumption and increased caloric intake: a systematic review of a trajectory towards weight gain and obesity risk. *Obesity Reviews*, London, v. 9, n. 6, p. 535-547, 2008.
- SCHMITZ, B. A. S. et al. A escola promovendo hábitos alimentares saudáveis: uma proposta metodológica de capacitação para educadores e donos de cantina escolar. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, p. 312-322, 2008. Suplemento 2.
- STORY, M.; NANNEY, M. S.; SCHWARTZ, M. B. Schools and obesity prevention: creating school environments and policies to promote healthy eating and physical activity. *The Milbank Quarterly*, Nova York, v. 87, n. 1, p. 71-100, 2009.
- TOASSA, E. C. et al. Atividades lúdicas, na orientação nutricional de adolescentes do Projeto Jovem Doutor. *Nutrire: Revista da Sociedade Brasileira de Alimentação e Nutrição*, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 17-27, 2010.

Recebido em: 11/09/2011

Reapresentado em: 30/10/2012

Aprovado em: 11/12/2012